

# Serviços de apoio à cultura ainda deixam a desejar

Em meio a calendários que antecipam a programação cultural da cidade, a quaisques que buscam difundir shows e espetáculos teatrais e a projetos que resgatam promoções há muito abandonadas pela burocracia artística, persiste o estigma de uma administração que tenta se profissionalizar, mas esbarra no modorrento desempenho de seus funcionários. Essa prostração mórbida parece atingir de maneira mais enfática a área de serviços, “metralhada” por diretores, atores e produtores que consideram essa atividade o *têndão de Aquiles* dos órgãos de cultura de Brasília.

Para o diretor Ricardo Torres Negro *Anjo Azul* e *Silêncios*, os chamados problemas crônicos devem ser avaliados como “vícios, que merecem um tratamento contínuo; uma triagem ou mesmo dispensa de funcionários”. Recorda que na montagem da peça *Em Pedacos* o cenário foi todo erguido por ele e pela diretora de cena, enquanto os maquinistas do Teatro Nacional permaneciam sentados nas cadeiras como uma platéia a admirar aquele trabalho inusitado. “Sempre fui maltratado nas dependências do teatro, desde 1979, quando utilizei a Martins Pena. O fato é que não dá mais nem para pedir pauta à Fundação Cultural. Prefiro trabalhar com o pessoal do Dulcina”.

A camareira Domingas (veja reportagem na capa do *Dois*) é uma das poucas a ser exaltada por Torres como uma profissional qualificada na área de serviços culturais públicos. O diretor bombardeia também algumas das inovações da Secretaria de Cultura, dizendo que a criação de postos de venda como os “quiosques”

não surtem efeito, devido ao pouco interesse e competência do pessoal escalado para a função. “É fácil constatar. As funcionárias que trabalham no estande do ParkShopping, por exemplo, não sabiam que estavam lá ingressos de um espetáculo em cartaz na cidade. Só começaram a vender quando o público solicitou e então se deram conta de que os carnês já haviam sido enviados. Não há como ficar satisfeito”.

Adriano Guimarães, do Gabinete 3, discorda em parte das declarações de Ricardo Torres, mas reafirma a necessidade de se definir critérios “rigorosos e aperfeiçoados” que destaquem os melhores profissionais do ramo. Nessa mistura do joio com o trigo, classifica os serviços prestados pela Fundação Cultural como “mediano” — em todas as suas equipes. “Na realidade, não podemos considerá-lo medíocre. Se analisarmos casos isolados, temos também o iluminador Zé Raimundo, que o Grupo Corpo quis contratar a todo custo. Agora, colocando todo o mundo lado a lado, há um nivelamento por baixo”.

A escala de trabalho é outro problema levantado pelo produtor, que condena — mas entende — o comportamento burocrático de determinados funcionários que abandonam ensaios e montagens ao chegar ao fim a jornada de trabalho. “O interessante seria distribuir melhor o horário dos servidores que apoiam essas produções e garantir essa assistência em todas as etapas do trabalho”. Adriano Guimarães salienta que parte dessa deficiência

nos serviços é resultado de um equipamento desgastado, que dificulta o desempenho do profissional. “Os iluminadores, por exemplo, vêm utilizando há três anos o mesmo material”.

O contraponto dessa crítica é feito pelo diretor técnico da Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional, Afonso Galvão, que classifica os funcionários da cultura como “solicitos” — dos carregadores aos faxineiros. Essa imagem recebe o endosso do maestro Sílvio Barbato, responsável por um corpo de 80 músicos, que diz encontrar “tudo organizado” nos ensaios diários, iniciados britanicamente às 9h. Galvão disse nunca ter deixado de realizar um trabalho por deficiência de planejamento ou falta de dedicação dos servidores. “O que ocorre aqui, como em qualquer outro teatro ou sala de espetáculos, são falhas por problemas quantitativos. Não há pessoal suficiente para desenvolver um trabalho bom e também rápido”.

Para sustentar seus elogios, o diretor cita a montagem da ópera de Fernando Bicudo, na reinauguração do Teatro Amazonas, em março passado, quando uma equipe inicial de 20 montadores reduziu esse número para cinco até o dia da apresentação. “Ficaram somente os profissionais que levamos de Brasília”, ressaltou. Diretores e atores do teatro amador da cidade acreditam que exista um certo favorecimento a produções profissionais do Rio de Janeiro e São Paulo que se apresentam em salas mantidas pela FICDF, e mesmo a equipes que sugerem um maior cuidado e requinte como no trabalho erudito da OSTN.